



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Inês Fernandes Tinoco

**O GÉNERO NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA
VIOLÊNCIA ENTRE ÍNTIMOS**

Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica, Sistémica e da Saúde,
orientada pelo Professor Doutor Rui Alexandre Paquete Paixão e apresentada à
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Setembro 2023

O gênero nas representações sociais da violência entre íntimos

Resumo:

A temática da violência entre parceiros íntimos ainda se encontra em estudo devido às suas diversas consequências na sociedade, quer passadas quer atuais. Assim, é importante perceber quais as variáveis que a sustentam.

Neste sentido, o presente estudo apresenta como principal objetivo compreender se o gênero e as representações sociais influenciam a violência entre parceiros íntimos.

Foram inquiridos 131 sujeitos da população geral sendo que destes 83 são do gênero feminino e 48 do gênero masculino. Aos participantes foi-lhes administrado um questionário sociodemográfico, o questionário de violência conjugal-histórias (QRVC-HIS), a escala de avaliação de crenças nos papéis de gênero (EACPG) a escala de crenças sobre violência conjugal (ECVC) e, por fim, a escala de desejabilidade social de Marlowe-Crowne (MCSDS).

Os resultados obtidos neste estudo demonstram que há uma maior legitimação da violência por parte do gênero masculino para com as mulheres, visto não se ter observado igualdade das médias para ambos os gêneros. Além disso, o gênero demonstra ser uma variável preditora no que diz respeito às respostas dadas ao questionário das Histórias.

A escolaridade é uma boa preditora no que concerne ao QRVC-HIS. Contudo, tal não é observado na História 3, do mesmo questionário.

Relativamente à desejabilidade social, esta não apresenta significância na resposta ao QRVC-HIS, o que podemos hipotetizar que os respondentes são menos influenciados pelas crenças enraizadas na sociedade.

Assim sendo, este estudo mostra a importância de continuar a estudar esta problemática. Além disso, é necessário continuar a transformar as representações que os indivíduos possam ter acerca desta temática para que, no futuro a sua prevalência comece a diminuir.

Palavras-chave: violência entre parceiros íntimos; representações sociais; papéis de gênero, gênero, desejabilidade social

Gender in social representations of intimate partner violence

Abstract:

The issue of intimate partner violence is still under study due to its various consequences in society, both past and current. Thus, it is important to understand which variables sustain it.

In this sense, the main objective of this study is to understand whether gender and social representations influence intimate partner violence.

131 subjects from the general population were surveyed, of which 83 were female and 48 were male. The participants were administered a sociodemographic questionnaire, the marital violence-stories questionnaire (QRVC-HIS), the gender role beliefs assessment scale (EACPG), the marital violence beliefs scale (ECVC) and, finally, the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS).

The results obtained in this study demonstrate that there is greater legitimization of violence by men towards women, as equality of averages wasn't observed for both genders. Furthermore, gender proves to be a predictive variable with regard to the answers given to the Stories Questionnaire.

Education is a good predictor regarding the QRVC-HIS. However, this is not observed in Story 3.

Regarding social desirability, it is not significant in the response to the QRVC-HIS, which means that we can hypothesize that respondents are less influenced by beliefs rooted in society.

Therefore, this study shows the importance of continuing to study this issue. Furthermore, it's necessary to continue to transform the representations that individuals may have regarding this topic so that its prevalence begins to decrease in the future.

Key words: intimate partner violence; social representations; gender roles; gender; social desirability

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor Rui Paixão por toda a orientação fornecida ao longo desta etapa. Por me transmitir inúmeros conhecimentos, incentivar a realizar este projeto sem baixar os braços e por transmitir confiança nas minhas capacidades e no meu trabalho.

Às minhas colegas da APAV e a todas as utentes vítimas de crime, especialmente as de violência doméstica, que colaboraram comigo. Por todas as aprendizagens, e por partilharem comigo os momentos mais complicados e desafiantes das suas vidas

À Doutora Teresa, por ouvir todas as minhas preocupações ao longo desta jornada e por estar sempre lá para me dar os melhores conselhos e me ajudar a ter cada vez mais confiança em mim própria. Um muito obrigada!

Em especial aos meus pais, pois sem eles, este meu sonho não poderia ser concretizado. Por serem o meu modelo de persistência, resiliência e por me mostrarem que eu consigo alcançar aquilo que eu quiser. Por todo o suporte e carinho que me forneceram. Obrigada por fazerem de mim a mulher que sou hoje e por partilharem este sonho comigo.

Ao meu namorado, que ouviu todos os meus desabafos e que me puxou sempre para cima quando eu estava mais em baixo. Por todos os conselhos que me deu e por estar sempre lá para mim e partilhar esta felicidade comigo. Muito obrigada!

À Filipa por ter sido a minha parceira de Mestrado. Por todas as conversas, desabafos e entreaajuda. Pelos passeios por Coimbra, por toda a motivação fornecida. Não existem palavras para descrever a nossa amizade, somos almas gémeas. Obrigada por tudo!

A todos os membros da minha família e a todos os meus amigos, um muito obrigada!

Índice

<i>Introdução</i>	5
<i>I – Enquadramento Conceptual</i>	6
1.1 Violência entre parceiros íntimos (VPI)	6
1.2 Teorias explicativas da VPI	7
1.3 Representações Sociais da Violência entre Parceiros íntimos	10
1.4 Papéis de Género	13
<i>II – Objetivos</i>	14
<i>III – Método</i>	15
3.1 Caracterização da amostra	15
3.2 Instrumentos	16
3.2.1 Questionário Sociodemográfico	16
3.2.2 Questionário de Violência Conjugal- Histórias (QRVC-HIS)	17
3.2.3 Escala de Avaliação das Crenças nos Papéis de Género (EACPG)	17
3.2.4 Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC)	17
3.2.5 Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (MCSDS)	18
3.3 Procedimentos Estatísticos	18
<i>IV – Resultados</i>	19
<i>V – Discussão</i>	25
<i>Conclusão</i>	28
<i>Referências Bibliográficas</i>	29
<i>Anexos</i>	36

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra (N=131)	16
Tabela 2. Teste da homogeneidade da variância para o QRVC-HIS, EACPG, ECVC e MCSDS.....	19
Tabela 3. Estatísticas Descritivas	20
Tabela 4. Tabela das estatísticas descritivas relativas ao género	20
Tabela 5. Teste U de Mann-Whitney relativos ao QRVC-HIS.....	21
Tabela 6. Variâncias da igualdade das médias não assumidas.....	21
Tabela 7. Correlações entre as histórias, variáveis sociodemográficas e a escala MCSDS.....	22
Tabela 8. Regressão hierárquica relativa à História 1.....	22
Tabela 9. Regressão hierárquica relativa à História 2.....	23
Tabela 10. Regressão hierárquica relativa à História 3.....	24

Introdução

O género e as representações sociais na VPI configuram-se um tema de extrema relevância e complexidade na contemporaneidade. A violência entre parceiros íntimos, seja ela física, psicológica, social ou económica tem sido objeto de intensa pesquisa e debate em todo o mundo, devido às suas profundas ramificações sociais e consequências devastadoras para as vítimas presentes na sociedade.

Um relacionamento entre dois indivíduos depende da qualidade dos vínculos afetivos primários (Becker, 2022).

Muitas das vezes, os indivíduos que estão presentes nesse mesmo relacionamento não se dão conta da violência que é exercida sobre eles. As relações violentas entre íntimos são assimétricas, onde o agressor se situa numa posição one-up em que tenta ter uma atitude de submissão e opressão sobre a vítima. Assim sendo, quando a vítima procura autonomia e liberdade o agressor age com agressividade (Becker, 2022).

A violência entre íntimos é um tipo particular de violência interpessoal em que é cometida entre indivíduos que se encontram num relacionamento íntimo (Dumont et al., 2022). É importante salientar que este tipo de violência é definido por questões culturais e estruturais que desencadeiam, muitas vezes, a violência de género (Becker, 2022).

Compreendemos, por isso, a importância de abordar o género e os seus papéis. Ora, as construções sociais de género delineiam as responsabilidades dos homens e mulheres as quais afetam outras esferas da vida, dado que o espaço público é visto como masculino. Na sociedade, o tradicional é olhar para o homem como uma figura forte, pouco sentimental e muito racional que vê a mulher como um indivíduo frágil onde as suas principais obrigações consistem em cuidar da casa e dos filhos (Diniz, 2021). Assim sendo, as mulheres devem permanecer na esfera privada (Biroli, 2018 cited in. Tassinari, 2022).

Podemos constatar, por isso, que o género é uma variável determinante ao acesso aos espaços de poder, onde o género feminino tem menores oportunidades de participar nos espaços públicos. Deste modo, os movimentos feministas foram e são encarregues de abrir a discussão com o propósito de modificar estas configurações sociais (Tassinari, 2022).

Neste sentido, esta investigação propõe estudar o género e as representações sociais no que concerne à temática da violência entre parceiros íntimos, mais concretamente compreender se certas variáveis sociodemográficas contribuem para as representações sociais da violência entre parceiros íntimos e perceber se a desejabilidade social tem influência nas mesmas.

I – Enquadramento Conceptual

1.1 Violência entre parceiros íntimos (VPI)

Segundo Xavier (2008), a palavra violência deriva da etimologia latina *violentia*, associado ao étimo *vis* e *violare* e, por isso, significa força em ação, potência, algo que transgride (Xavier, 2008). Assim, a violência é conceptualizada como o uso de forma intencional da força, coação ou intimidação contra terceiros que, de algum modo, lese a integridade, os direitos e necessidades dessa pessoa.

A OMS descreve a violência como o exercício de força física ou poder, com o intuito de ameaçar outra pessoa ou um grupo e que, conseqüentemente, origine dor, sofrimento, morte, ou desequilíbrio psicológico.

A violência é exercida de diversas formas e tende a aumentar em frequência, intensidade e gravidade dos atos perpetrados (Manita et al., 2009a). Pode existir violência emocional e psicológica, intimidação, coação e ameaça, isolamento social, abuso económico e violência sexual. Estas formas de violência podem, na prática, coexistir.

Ora, 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo já sofreu episódios de violência física, psicológica, sexual ou económica (Council of Europe, 2011 cited in Autiero. M, 2020).

No que diz respeito à violência entre parceiros íntimos (VPI) esta é, nos dias de hoje, um fenómeno banalizado uma vez que existe uma panóplia de crenças que a fundamentam. Contudo, é um fenómeno transversal, na medida em que abarca todas as classes sociais, idades, escolaridade e estatutos socioeconómicos (Alarcão, 2002; Silva, 2015).

A VPI consiste na violência que é exercida entre companheiros que se encontram em diferentes tipos de relacionamento. Segundo Matos (2006, p.27), esta forma de violência tem por base o “abuso de uma pessoa sobre a outra, numa relação específica de intimidade, podendo ocorrer em relações maritais e não maritais (...), atuais ou passadas, de carácter heterossexual ou homossexual”. Os parceiros íntimos podem ser cônjuges quer atuais quer passados, namorados/as ou parceiros sexuais que podem ou não coabitar (Akinyugha et al., 2022). A violência entre parceiros íntimos manifesta-se de diversas formas: física, psicológica, económica, sexual, social e intimidação (Rollero, 2020).

Segundo as estatísticas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2021) referentes à Violência Doméstica, a relação do autor do crime com a vítima é caracterizado por relacionamentos de intimidade, onde 22.1% destas relações são conjugais, 12.1% entre

companheiros, 10.3% de ex-companheiros, 4.3% de ex-namorados, 4.4% entre ex-cônjuges e 2.1% entre namorados. Assim sendo, os relacionamentos íntimos apresentam um total de 55.3% dos casos de Violência Doméstica reportados à APAV, ou seja, 5158 vítimas de violência entre parceiros íntimos (APAV, 2021).

Neste tipo de violência, os agressores são, na maioria, do sexo masculino e as vítimas do sexo feminino (Machado, 2016; Nóbrega 2015). Contudo, tal não significa que não existam agressores do sexo feminino e vítimas do sexo masculino, tal como há indivíduos que são, ao mesmo tempo, vítimas e agressores, com ciclos de violência recíproca e mútua. O objetivo do agressor consiste em dominar a outra pessoa levando a que esta se sinta subordinada e sem valor (Matos, 2004). A violência entre parceiros íntimos pode ser unidirecional ou bidirecional.

Para algumas vítimas de violência entre parceiros íntimos, o abuso a que são submetidas é considerado, por elas, como normal e não como um comportamento penalizador. Os agressores visualizam as suas ações como o comportamento mais correto para satisfazer as suas necessidades no seu relacionamento (McCloskey, 2007).

1.2 Teorias explicativas da VPI

As teorias intraindividuais foram as primeiras teorias explicativas a fornecer uma compreensão da violência entre parceiros íntimos, focando-se nas características e personalidades individuais do agressor e da vítima (Matos, 2004). Neste caso, são identificadas, como responsáveis pelo comportamento violento, a irritabilidade, o stress, a baixa autoestima, falta de empatia, dificuldades de comunicação, baixo nível de autocontrolo, fracas competências relacionais e estilos de personalidade agressiva e hostil (Matos, 2004). Este tipo de violência é mais frequente em agressores com historial de consumos, nomeadamente alcoolismo, onde a violência entre íntimos surge com grande preponderância. Contudo, o álcool aqui aparenta ser um sintoma de um mal-estar, mais do que um fator causal direto da violência. Assim sendo, compreendemos que o comportamento violento é socialmente assimilado e não a consequência do abuso de uma substância.

Nas teorias interindividuais, as características individuais e a personalidade do agressor são responsabilizadas pelo ato violento. Nestas teorias predomina a ideia de que a violência entre parceiros íntimos é um tema de cariz privado. Este tipo de abordagens pretende perceber

as atitudes do agressor, analisando o motivo que leva um homem a agredir a sua mulher e, além disso, procurando perceber as características psicológicas que as mulheres agredidas possuem (Matos, 2004)

Quanto ao perfil das vítimas, estas apresentam características que podem estar associadas às agressões de que são alvo. Manifestam, por exemplo, elevados níveis de dependência e de fragilidade o que, mais uma vez, pode significar uma certa facilitação da violência (Matos, 2004). Os estudos demonstram que as mulheres vítimas apresentam uma baixa autoestima, sintomas psicossomáticos e um acréscimo da ingestão da medicação de antidepressivos o que demonstra ser revelador de uma vitimização crónica (Hotaling & Sugarman, 1986).

No que diz respeito às perspetivas feministas, desde meados do século XX, que se têm apresentado como uma das principais teorias explicativas da violência entre parceiros íntimos (McPhail et al., 2007). Esta teoria resulta de relações de poder desiguais e opressivos entre homens e mulheres e construiu-se a partir da experiência, opressão e discriminação vivenciada pelo género feminino, assim como da vontade pelas relações sociais emancipatórias, isto é, livres de dominação, opressão e exclusão.

Esta perspetiva defende relações de igualdade de poder entre sujeitos do género masculino e feminino (Santos et al., 2016). O modelo feminista centra-se nas diferenças de género, fazendo um esforço para distinguir género e sexo, de maneira a retirar as mulheres de um “essencialismo da natureza” e reposicionando a questão na cultura e socialização, mostrando a possibilidade do género ser desconstruído e reformulado (Santos et al., 2016).

De acordo com a perspetiva feminista, os agressores possuem estereótipos relativos aos papéis feminino e masculino bem como às relações homem-mulher (Walker, 1991).

Estas perspetivas evidenciam que a violência entre parceiros íntimos é assimétrica, ou seja, é utilizada de forma desigual pelos homens contra as mulheres (Johnson 1995; Ylo, 1993).

As perspetivas feministas realçam o poder e o controlo praticado pelos homens sobre as mulheres (Neves & Nogueira, 2004), tendo na base uma sociedade patriarcal, onde o homem é percecionado como a autoridade que deve comandar a vida dos filhos e da sua parceira (Neves & Nogueira, 2004). Este tipo de sociedade defende a subjugação feminina e a subordinação das mulheres pelos homens (Neves & Nogueira, 2004), demonstrando assim a desigualdade de género.

Quando os homens utilizam a violência contra as mulheres têm como propósito manipular o comportamento das mesmas (Johnson, 1995).

Nos dias de hoje, já se verifica uma alteração de papéis de género por consequência das mudanças económicas, políticas e sociais que levaram à emancipação da mulher. Assim, a perspectiva feminista dá a conhecer ao mundo a “força, resiliência e agência das mulheres que se esforçam para os objetivos de empoderamento feminino e autodeterminação” (McPhail et al., 2007, p. 818).

Contudo, esta perspectiva tem sido criticada, desde logo porque a violência também ocorre entre parceiros homossexuais (McPhail et al., 2007). Outra das críticas assenta no facto dos participantes dos estudos poderem ser na maioria do sexo feminino (Straus, 2009).

Segundo a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1986), a maior parte dos comportamentos que o indivíduo aprende resulta da instrução direta e da observação dos comportamentos das outras pessoas, ou seja, das interações com os outros (Bandura, 1986). Deste modo, a observação direta dos atos violentos na infância constitui um dos grandes fatores de risco, no que concerne à violência entre parceiros íntimos (Oliveira & Sani, 2009).

Esta teoria revela que o comportamento dos sujeitos é definido pelo contexto em que estão inseridos. Assim, os indivíduos que foram vítimas ou que assistiram a atos violentos na sua família, apresentam uma grande probabilidade de, no futuro, virem a replicar esses mesmos comportamentos (Oliveira & Sani, 2009), ou a constituírem-se vítimas desses comportamentos (Gomes et al., 2007). Percebemos por isso que esta teoria não é apenas referente a agressores, mas também a vítimas.

Contudo, a Teoria de Aprendizagem Social de Bandura (1986) não é considerada como suficiente para explicar a violência entre parceiros íntimos. Segundo Kaufman e Zigler (1993), muitos dos indivíduos que sofrem atos violentos na sua infância ou que convivem com relações de violência entre os pais, no futuro não se tornam simplesmente agressores (Dutton, 1999).

1.3 Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos

A noção de representação social foi formada por Durkheim, em 1898 (Vala, 2004). O conceito de representação social assenta na construção do mundo com significado (Vala, 2004), constituindo, segundo Moscovici (1972), um agrupamento de conceitos e proposições, concebidos no dia-a-dia, no decorrer da comunicação interindividual (Vala, 2004). Dizem, portanto, respeito às cognições que determinam o comportamento coletivo dos sujeitos (Moscovici, 1972). Assim, as representações sociais influenciam e orientam os comportamentos e interações humanas (Vala, 2004).

Com o termo “social”, Moscovici não só pretende enfatizar como as representações surgem através de interação e comunicação entre indivíduos e grupos, mas que os seus conteúdos são sociais e que por esse motivo refletem, de várias formas, contextos históricos, culturais e económicos, assim como diversas circunstâncias e práticas (Höijer, 2012).

Assim, a emergência de uma representação social pressupõe que um problema seja suficientemente relevante para que os membros de uma comunidade iniciem uma discussão conflituosa. Nos tempos modernos, os *mass media* acrescentaram e estabeleceram outro sistema de significados, que se apresenta como muito mais dinâmico e menos resistente à mudança do que os fundamentos culturais de uma sociedade (Wagner, 2012).

Este tipo de representações orientam os comportamentos e as interações dos seres humanos, protegendo-os na resolução de problemas e delineando o estabelecimento das relações sociais (Moscovici, 1972).

De acordo com Moscovici (1972), as representações sociais devem ser tidas em conta com base no seu conteúdo e processo. Assim, é recomendado ter em consideração o que os sujeitos pensam e o modo como o fazem em alguns contextos sociais.

Estas representações apresentam, ainda, uma dupla função: primeiro, determinar uma regra que permita que os sujeitos se direcionem e dominem o seu mundo material; segundo, deixar que a comunicação aconteça entre os sujeitos de uma sociedade, concedendo uma codificação para realizarem a troca social e um código para eleger e categorizar os diversos pontos de vista do seu mundo material e da sua história individual (Moscovici, 1972).

A capacidade para participar na sociedade implica que as crianças tenham acesso às representações sociais da sua comunidade. Duveen e Lloyd (1990) denominam este processo de ontogénese das representações sociais. Este processo, contudo, não se limita somente à infância, uma vez que ocorre quando qualquer indivíduo toma contacto com novas representações sociais, com o propósito de participar num grupo.

Os membros de uma comunidade comunicam entre si através de um sistema de significados partilhado, que é descritor e definidor do mundo do sujeito e dos objetos a que este pertence. A maior parte deste sistema compreende itens culturais que derivam de tradições e processos históricos de longo termo (Wagner, 2012). De acordo com a pesquisa, os fatores sociais, em particular, influenciam as perceções a nível individual e coletivo, e por esse motivo possuem grande importância devido à influência que exercem sobre estas (McCloskey, 2007).

Em termos das representações sociais da violência entre íntimos evidenciam-se diferenças significativas entre homens e mulheres havendo, por exemplo, uma maior legitimação da violência perpetradas pelas mulheres, uma vez que, um estalo dado por um indivíduo do género feminino ao seu parceiro pode ser considerado como um ato inocente (Brito, 2020; Straus et al., 2004). Além disso, os estudos de Machado (2005) mostram que indivíduos mais velhos apresentam crenças que defendem a violência, como é o caso da afirmação “entre marido e mulher não metas a colher”.

Nos dias de hoje, há um maior domínio acerca desta problemática e, por isso, existe uma perspetiva, maioritariamente, feminista que descreve este tipo de violência como uma expressão do poder que o homem detém sobre a mulher em relações de parceiros íntimos de cariz heterossexual, apoiado por uma cultura patriarcal (Stith et al., 2012). Assim sendo, a violência entre íntimos está associada ao género masculino enquanto que as mulheres são vistas como vítimas, que apenas realizam comportamentos agressivos com o intuito de se autodefenderem (Machado, 2016; Nóbrega, 2015). Ora, este ponto de vista, apresenta uma dicotomia que restringe o papel de género. A culpa é atribuída aos homens e os prejuízos da violência recaem sobre as mulheres, logo o centro das intervenções consiste em eliminar a violência em relação ao género feminino (Stith et al., 2012). Efetivamente, as mulheres, de um ponto de vista estatístico, tendem a ser mais vitimizadas, comparativamente com aquilo que acontece com os homens (Hamberger, 2005).

A visão da mulher, como agressora, apresenta uma crescente dificuldade de aprovação pela maior parte da população, devido à passividade do género feminino (Aldrighi, 2004). Esta perspetiva pode apresentar como resultado a vergonha e, conseqüente, segredo dos homens vítimas de violência entre parceiros íntimos pois, o género masculino é definido como o dominador o que, quase anula a probabilidade de ocorrência deste fenómeno (Aldrighi, 2004).

Por outro lado, um outro pressuposto dominante atualmente é o de que a violência é transmitida através de gerações pela aprendizagem, onde os pais violentos ou vítimas funcionam como modelos. No entanto, alguns autores consideram necessário realizar análises comportamentais genéticas já que não se deve assumir apenas as influências ambientes como a única variável causadora da VPI, tal como implicado pela teoria da aprendizagem social (Foshee, Bauman, & Linder, 1999; Hines & Saudino, 2002).

Também a perspetiva de que a VPI só acontece em estratos socioeconómicos desfavorecidos e em indivíduos pouco escolarizados deve ser considerada um mito, na medida em que vítimas e agressores são oriundos de qualquer estrato socioeconómico e escolaridade. Contudo, a violência é mais visível em vítimas e agressores desses estratos sociais e com pouca escolaridade, pois apresentam carências a nível económico e social e, por isso, têm tendência a pedir auxílio a estabelecimentos públicos que prestam apoio a vítimas.

Outra representação predominante é de que a violência entre parceiros íntimos só acontece sobre o efeito de álcool ou drogas. O álcool e as drogas podem estar correlacionados com o ato violento, contudo não é justo assegurar que o uso destas substâncias são a razão dos comportamentos violentos. Pode afirmar-se que são facilitadores de situações de VPI, mas não ocorrem só quando os indivíduos estão sob efeitos destas substâncias, pois existem agressores que não consomem álcool nem drogas (Matos, 2003), tal como existem consumidores que não são agressores.

Na nossa sociedade são ainda visíveis diferentes visões relacionadas com a violência entre parceiros íntimos. Tal pode verificar-se com a expressão “entre marido e mulher não metas a colher”. Esta frase demonstra a ideia de que o fenómeno da VPI se insere na esfera privada, onde nenhum indivíduo, para além dos elementos do casal, deve interferir. Contudo, atualmente este tipo de violência consiste num crime público e, por isso, qualquer pessoa tem o dever legal de o denunciar.

1.4 Papéis de Género

Os termos género e sexo apresentam significados distintos. O vocábulo género pretende dar a conhecer os conceitos conferidos aos indivíduos com base na categoria sexual a que pertencem. Assim sendo, procura-se construir as categorias sociais através das diferenças ao nível anatómico e fisiológico (Pomar et al., 2012). Assim, o género tem como intuito dar a conhecer as distinções entre homens e mulheres consequentes dos processos de socialização, ou seja, são características concebidas através das relações sociais, que a sociedade declara serem apropriadas para os homens e para as mulheres (CIG, 2023). O género que cada pessoa desenvolve ao longo do tempo tem por base singularidades psicológicas e aprendizagens culturais que tanto o homem como a mulher vão acabando por integrar ao longo da formação da sua identidade e acabam por estar relacionados com os termos masculinidade e feminilidade (Pomar et al., 2012). O conceito passa, assim, a incluir uma panóplia de diferentes aspetos, como a identidade de género, a orientação sexual, os papéis de género, as características da personalidade, as competências pessoais e os consequentes interesses do indivíduo (Spence, 1993).

No que concerne ao sexo, este constitui-se como um fator biológico que diferencia os indivíduos em masculino ou feminino. Contudo, para além destas distinções genéticas, pressupõem-se que os homens e mulheres apresentem comportamentos diferenciados e, por isso, desempenhem papéis sociais diferentes (Pomar, 2012).

Já o termo papel de género refere-se às atividades e às condutas que a sociedade define, associadas ao género feminino e masculino (Brannon, 2005). São, por isso, expectativas que a sociedade constrói perante os homens e mulheres (Wood & Eagly, 2012). Tal surge em virtude dos papéis de género, na medida em que estes possuem crenças partilhadas e devido aos sujeitos que os interiorizam como identidades de género. Quando ocorre a internalização dá-se a introdução da cultura dentro do indivíduo (Wood & Eagly, 2012). Assim sendo, os sujeitos compreendem os traços masculinos e femininos pelo meio da observação dos comportamentos, encarando estes traços como sendo representativos de cada um dos géneros (Wood & Eagly, 2012). Este processo começa desde cedo com a socialização das crianças no seio familiar (Wood & Eagly, 2012), como sistema primordial de socialização do indivíduo (Vieira, 2006). Contudo, podem modificar-se, não sendo, por isso, fixos (CIG, 2023).

No que diz respeito aos adultos, estes ficam conformados com as crenças partilhadas por causa das expectativas e das normas comportamentais internalizadas. As conjugações destes

processos estabelecem-se como guias para os indivíduos inseridos numa sociedade (Wood & Eagly, 2012).

O termo “igualdade” está ligada ao conceito de género na medida em que os indivíduos possuem direitos, responsabilidades e oportunidades iguais em diversas áreas da vida tanto para homens como para mulheres (Garcia & Merlo, 2016).

Nos dias de hoje, é muito difícil o homem ser considerado vítima de VPI aos olhos da sociedade sendo por isso um caso de exclusão e de negligência na medida em que a sociedade sempre associou o género masculino a uma figural viril. Quando são as mulheres a praticar agressões estas são vistas como atos leves pois as mulheres constituem um género frágil e vulnerável, embora o mesmo ato, quando realizado por homens, seja considerado como mais violento (Oliveira & Gomes, 2011). De qualquer modo, as mulheres representam o grupo de maior risco de violência entre íntimos (Giannini & Coelho, 2020), chegando as estatísticas mundiais a evidenciar taxas de 35% das mulheres que já sofreram algum tipo de violência entre parceiros íntimos, sendo a maior parte destas pertencentes a regiões pobres e vulneráveis (OMS, 2016 cited in Da Silva & Lopes, 2021). Ainda em relação à violência dirigida aos homens e, segundo Matos e Machado (2012), o medo, a negação e a estigmatização constituem-se como motivos para o desconhecimento da existência da violência contra o género masculino bem como da resistência em pedir ajuda para resolver a situação de vitimação. O homem receia ser desacreditado, humilhado pela sociedade e que possa ser visto como agressor ou que tenha um apoio diferenciado pelos serviços de apoio e policiais caso pretenda denunciar o crime a que está a ser alvo (Matos & Machado, 2012).

II – Objetivos

As representações sociais assumem um papel preponderante na violência entre íntimos, pois subentendem as normas sociais que a sociedade segue e, ao mesmo tempo, auxiliam no processo de modelação e entendimento que as sociedades possuem sobre acontecimentos definidos como a violência entre íntimos (Machado, Matos & Gonçalves, 2006). Assim, é importante estudar estes fenómenos considerando as representações sociais subjacentes.

O presente estudo tem como objetivo geral compreender se o género e as representações sociais apresentam alguma influência na problemática da violência entre íntimos.

Como objetivos específicos pretende-se:

- a) Compreender a diferença entre o género masculino e feminino nas representações sociais da violência entre íntimos, nos papéis de género e na desejabilidade social;
- b) Perceber a influência de outras variáveis sociodemográficas (idade, escolaridade, rendimento mensal bruto...) nas representações sociais da VPI;
- c) Entender se a desejabilidade social influencia as representações sociais da violência entre parceiros íntimos;

III – Método

3.1 Caracterização da amostra

A recolha de dados para o estudo foi realizada através de um processo de amostragem não-probabilística de conveniência, recolhida entre novembro de 2022 e janeiro de 2023.

Dos questionários distribuídos resultou uma amostra de 131 sujeitos. Destes 83 (62.40%) indivíduos são do género feminino e 48 (36.60%) do género masculino, todos de nacionalidade portuguesa. A idade dos sujeitos varia entre os 17 (idade mínima) e os 78 anos de idade (idade máxima), situando-se a média nos 31.51 e o desvio-padrão nos 12.52 (tabela 1).

Relativamente ao estado civil, verifica-se que os indivíduos são, maioritariamente, solteiros. Assim, 63.40% (n=83) são solteiros, 33.60% (n=44) casados, 1.50% (n=2) divorciados e, por fim, 1.50% (n=2) encontram-se em união de facto (tabela 1).

No que diz respeito à profissão, verifica-se que a amostra se distribui por quatro grupos: (1) 59.50% (n=78) dos indivíduos estão empregados; (2) 37.40% (n=49) são estudantes; (3) 2.3% (n=3) estão desempregados; e (4) 0.80% (n=1) reformados (tabela 1).

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra (N=131)

	n	%	Média	D.P.
Género				
Masculino	48	36.60	-	-
Feminino	83	63.40	-	-
Idade	-	-	31.51	12.52
Estado Civil				
Casado(a)	44	33.60	-	-
Divorciado(a)	2	1.50	-	-
Solteiro(a)	83	63.40	-	-
União de Facto	2	1.50	-	-
Anos de escolaridade	-	-	13.72	2.95
Situação Profissional				
Desempregado(a)	3	2.30	-	-
Empregado(a)	78	59.50	-	-
Estudante	49	37.40	-	-
Reformado(a)	1	0.80	-	-
Rendimento Mensal Bruto				
-700€	42	32.10	-	-
1000€ - 1300€	38	29.00	-	-
1300€ - 1600€	8	6.10	-	-
1600€ - 1900€	6	4.60	-	-
+ 1900€	7	5.30	-	-

3.2 Instrumentos

O protocolo de avaliação administrado é constituído por quatro questionários de autorresposta, cujo objetivo é avaliar as representações e crenças da população geral relativamente à violência conjugal, aos papéis de género e à desejabilidade social. Esta aplicação foi precedida do preenchimento de um inquérito sociodemográfico e de um questionário relativo à violência entre íntimos para efeitos de caracterização da amostra.

3.2.1 Questionário Sociodemográfico

A primeira parte deste inquérito aborda os seguintes dados demográficos: idade, género, nacionalidade, referências culturais, habilitações literárias e características familiares (nível económico, estado civil, profissões). O inquérito inclui, ainda, uma segunda parte dedicada à recolha de informação sobre a violência entre íntimos, nomeadamente se a já vivenciou, o tipo de violência vivenciada e quando e por quem foi perpetrada.

3.2.2 Questionário de Violência Conjugal- Histórias (QRVC-HIS)

O questionário de violência conjugal-histórias (QRVC-HIS) foi desenvolvido por Alarcão, Alberto, Camelo e Correia (2007). É um instrumento de autorresposta constituído por três histórias referentes à violência conjugal. Cada história apresenta dez afirmações, sendo pedido ao respondente que indique o grau de concordância com cada afirmação, de acordo com uma escala tipo *Likert* de quatro pontos ((1= Discordo Plenamente; 2= Discordo; 3=Concordo; 4=Concordo Plenamente) em que a resposta “concordo plenamente” corresponde a uma maior legitimação da violência e “discordo plenamente” corresponde a uma menor legitimação. O objetivo destas três histórias prende-se com a identificação das diversas representações dos sujeitos relativas à legitimação e banalização da violência entre íntimos.

No que diz respeito à consistência interna do QRVC-HIS, Aguilar (2010) obteve um valor de alfa de *Cronbach* de .95, demonstrando uma boa consistência interna. Quanto às histórias, este autor obteve $\alpha=.85$, $\alpha=.91$ e $\alpha=.89$ para a História 1, 2 e 3, respetivamente.

3.2.3 Escala de Avaliação das Crenças nos Papéis de Género (EACPG)

A escala da crença nos papéis de género foi desenvolvida por Kerr e Holden (1996) e, posteriormente, adaptada por Brown e Gladstone (2012). Este instrumento de autorresposta integra dez afirmações. Estas frases são cotadas de acordo com uma escala tipo *Likert de sete pontos* (1=Discordo totalmente; 2=Discordo; 3=Discordo mais ou menos; 4= Nem discordo nem concordo; 5=Concordo mais ou menos; 6= Concordo; 7= Concordo Totalmente). Assim sendo, pontuações mais elevadas correspondem a atitudes mais tradicionais em relação aos papéis de género e pontuações mais baixas traduzem-se num ponto de vista mais feminista no que diz respeito aos papéis de género. Esta escala tem como objetivo primordial avaliar as crenças dos respondentes relativamente às atitudes, características e tarefas associadas a cada um dos géneros (masculino e feminino).

No que diz respeito à consistência interna deste instrumento, obteve-se um valor de alfa de *Cronbach* de .63.

3.2.4 Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC)

A escala de crenças sobre violência conjugal (ECVC) foi construída por Machado, Matos e Gonçalves (2000). É um instrumento de autorresposta constituído por vinte e cinco

afirmações cotadas através de uma escala tipo *Likert* de cinco pontos (1= Discordo totalmente; 2= Discordo; 3= Nem concordo nem discordo; 4=Concordo; 5= Concordo Totalmente). Esta escala pretende avaliar a legitimação da violência conjugal.

No que diz respeito às qualidades psicométricas deste instrumento, Machado e colaboradores (2008) obtiveram um alfa de *Cronbach* de .93 o que representa um elevado nível de consistência interna.

3.2.5 Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (MCSDS)

A escala de desejabilidade social foi desenvolvida por Marlowe-Crowne em 1960. É um instrumento de autorresposta composto por trinta e três afirmações relativas aos comportamentos do quotidiano. Estes itens apresentam como opção de resposta as alternativas “Verdadeiro” ou “Falso”. Em dezoito dos itens, caso a afirmação seja respondida como “Verdadeiro”, a pontuação atribuída é de um ponto, o que corresponde a comportamentos socialmente desejáveis, mas pouco frequentes; os restantes quinze itens são pontuados com um valor se a afirmação for assinalada como “Falso”, indicando comportamentos comuns socialmente indesejados. A pontuação total pode variar entre os 0 e os 33 pontos, sendo que os valores superiores a 17 indicam uma forte desejabilidade social (Scagliosi et al., 2004). Esta escala apresenta como objetivo primordial identificar a propensão dos sujeitos para respostas consideradas socialmente mais aceitáveis.

No que concerne à consistência interna deste instrumento, Poínhos et al. (2008) obtiveram um valor de alfa de *Cronbach de* .65.

3.3 Procedimentos Estatísticos

Após a recolha de dados, e tendo em consideração os objetivos específicos para este estudo, procedemos ao tratamento dos dados, recorrendo ao SPSS (Statistical Package for the Social Science) versão 27.0 for MacOs, sendo os resultados apresentados na secção IV- Resultados.

Com o objetivo de analisar a distribuição das respostas, recorreu-se ao teste de *Kolmogorov-Smirnov*. Verificou-se que as subamostras relativas às “História 1”, “História 2” e

“História 3” não seguiam uma distribuição normal, violando os princípios da normalidade da distribuição.

Relativamente ao pressuposto da homogeneidade das variâncias, realizou-se o teste de *Levene* e verificou-se que era violado na “História 1” ($F=7.65$; $p=.007$) e na “História 3” ($F=9.42$; $p=.003$).

Tabela 2. Teste da homogeneidade da variância para o QRVC-HIS, EACPG, ECVC e MCSDS

	F	Sig
História 1	7.65	.007
História 2	2.15	.145
História 3	9.42	.003
EACPG	1.15	.285
ECVC	3.71	.056
MCSDS	0.48	.488

No que se refere à EACPG, verificou-se que os valores se aproximam de uma distribuição normal para os sujeitos do sexo masculino ($K-S = .07$; $p=.200$). Para os sujeitos do sexo feminino, verificou-se que há violação do pressuposto de normalidade ao teste de *Levene* ($F=1.15$; $p=.285$).

Relativamente à ECVC, verificou-se que o pressuposto de normalidade era violado quer para o género masculino, quer para o género feminino, uma vez que os níveis de significância eram inferiores a .05. No que se refere ao pressuposto da homogeneidade de variâncias, submeteu-se as subamostras ao teste de *Levene* e verificou-se que não havia violação do pressuposto ($F=3.71$; $p=.056$).

No que se refere à escala MCSDS, o pressuposto de normalidade era igualmente violado para ambos os sexos. Relativamente à homogeneidade de variâncias, verificou-se que este não era violado ($F=.48$; $p=.488$).

Assim, considerando os objetivos delineados e para além da estatística descritiva e correlacional serão utilizados os testes não paramétricos (Mann-Whitney).

IV – Resultados

Inicialmente, procedemos à execução das estatísticas descritivas para os diversos instrumentos, tal como podemos ver na Tabela 3. Assim sendo, conseguimos visualizar os valores mínimos, máximos, média e desvio-padrão.

Apresentamos na tabela 3 os valores das Histórias 1,2 e 3 destacando o valor médio de cada uma. Assim sendo, as médias obtidas foram 1.25, 1.43 e 1.27, respetivamente, o que evidencia uma propensão nos sujeitos para discordar das afirmações relativas à violência.

O mesmo se verifica na escala EACPG e ECVC onde o valor médio obtido foi de 2.46 e 1.40, respetivamente (tabela 3). A escala MCSDS apresenta uma média de 17.15 o que revela que os indivíduos apresentam uma forte desejabilidade social, respondendo às questões conforme o que é mais aceite na sociedade (tabela 3).

Tabela 3. Estatísticas Descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	DP
História 1	131	1.00	3.20	1.25	0.37
História 2	131	1.00	3.40	1.43	0.47
História 3	131	1.00	3.00	1.27	0.37
EACPG	131	1.00	4.80	2.46	0.81
ECVC	131	1.00	4.00	1.40	0.47
MCSDS	131	11.00	23.00	17.15	2.42

Constatou-se que para todas as histórias o género masculino apresentava médias superiores à do género feminino. Esta diferença mostrou-se superior no caso da História 3 (tabela 4).

Tabela 4. Tabela das estatísticas descritivas relativas ao género

	Género	N	Média	Desvio-Padrão
História 1	Masculino	48	1.38	.44
	Feminino	83	1.18	.30
História 2	Masculino	48	1.59	.47
	Feminino	83	1.33	.44
História 3	Masculino	48	1.42	.43
	Feminino	83	1.19	.30

Além disso, visto se verificar a violação dos pressupostos da normalidade da distribuição (Anexo 2.) e da homogeneidade das variâncias, priorizaram-se os testes não paramétricos, mais concretamente, o *U de Mann-Whitney*.

Dado que para as três histórias o nível de significância é inferior ao estabelecido ($p=.05$), então rejeitamos a hipótese da igualdade das médias para o género (tabela 5).

Tabela 5. Teste U de Mann-Whitney relativos ao QRVC-HIS

	U de Mann-Whitney	Wilcoxon W	Z	Sig. (2 extremidades)
História 1	1334.50	4820.50	-3.25	.001 ***
História 2	1278.00	4764.00	-3.45	<.001 **
História 3	1304.50	4790.50	-3.40	<.001 **

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Relativamente à EACPG e ao ECVC, realizou-se o teste t de *student* onde rejeitamos a hipótese da igualdade das médias, dado o valor de significância ser inferior a .05 (tabela 6). O mesmo foi feito na MCSDS, sendo que aceitamos a hipótese da igualdade das médias, visto que o valor de p se demonstrar superior a .05 (tabela 6).

Tabela 6. Variâncias da igualdade das médias não assumidas

	gl	t	Sig. (2 extremidades)
EACPG Variâncias iguais não assumidas	115.20	2.560	.012
ECVC Variâncias iguais não assumidas	74.37	3.34	.001
MCSDS Variâncias iguais não assumidas	109.28	-.07	.466

Podemos observar que o género influencia as histórias 1,2 e 3 pois apresentam valores inferiores a .05. Adicionalmente, estas correlações são do tipo negativo fraco (tabela 7).

É possível verificar que a escala de desejabilidade social não influencia as histórias 1,2 e 3 visto que, o valor de p é superior a .05 (tabela 7).

No questionário das histórias, a idade apresenta-se como não sendo significativa, visto a significância ser superior a .05. O mesmo se verifica no rendimento mensal bruto (tabela 7).

No que diz respeito à escolaridade esta afigura-se como influenciadora das respostas dadas ao questionário das histórias dado que os níveis de significância são inferiores a .05. Também, neste caso, constata-se que as correlações são negativas e fracas (tabela 7).

Tabela 7. Correlações entre as histórias, variáveis sociodemográficas e a escala MCSDS

		História 1	História 2	História 3
Género	Correlação de Pearson	-.25**	-.27**	-.30**
	Sig. (2 extremidades)	.003	.002	<.001**
	N	131	131	131
MCSDS	Correlação de Pearson	-.13	.003	-.051
	Sig. (2 extremidades)	.129	.970	.564
	N	131	131	131
Idade	Coeficiente de Correlação	.15	.14	.15
	Sig. (2 extremidades)	.086	.120	.095
	N	131	131	131
Escolaridade	Coeficiente de Correlação	-.22	-.20	-.29
	Sig. (2 extremidades)	.013	.023	<.001**
	N	131	131	131
Rendimento Mensal Bruto	Coeficiente de Correlação	-.08	-.02	-.06
	Sig. (2 extremidades)	.349	.863	.518
	N	131	131	131

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Relativamente à História 1, verificou-se que o género e a escolaridade são preditores estatisticamente significativos (tabela 8). Mais ainda, ao acrescentarmos o preditor da escolaridade deparamo-nos com um aumento na capacidade preditiva do modelo. O mesmo ocorre com a variável género, sendo aqui o aumento superior (tabela 8).

Tabela 8. Regressão hierárquica relativa à História 1

	B	SE B	Beta
Bloco 1			
Constante	.903	.081	
Idade	.011	.002	.378
Bloco 2			
Constante	1.400	.229	
Idade	.007	.003	.254

Escolaridade	-.028	.012	-.224
Bloco 3			
Constante	1.366	.229	
Idade	.009	.003	.299
Escolaridade	-.023	.012	-.184
Rendimento Mensal Bruto	-.032	.022	-.120
Bloco 4			
Constante	1.495	.227	
Idade	.008	.003	.281
Escolaridade	-.020	.012	-.159
Rendimento Mensal Bruto	-.049	.023	-.186
Género	-.178	.062	-.234
Bloco 5			
Constante	1.772	.305	
Idade	.008	.003	.275
Escolaridade	-.019	.012	-.151
Rendimento Mensal Bruto	-.052	.023	-.196
Género	-.181	.062	-.238
MCSDS	-.016	.012	-.107
R ²	.251		
ΔR ²	.011		
F	8.360		
ΔF	1.860		

No que concerne à História 2, o rendimento mensal bruto e a escala de desejabilidade social não se configuram como preditores estatisticamente significativos, visto que os seus níveis de significância são superiores a $p=.05$ (tabela 9).

Tabela 9. Regressão hierárquica relativa à História 2

	B	SE B	Beta
Bloco 1			
Constante	1.066	.106	
Idade	.011	.003	.307
Bloco 2			
Constante	1.544	.302	
Idade	.008	.004	.213
Escolaridade	-.027	.016	-.169
Bloco 3			
Constante	1.508	.304	
Idade	.009	.004	.250
Escolaridade	-.022	.017	-.136
Rendimento Mensal Bruto	-.034	.030	-.099
Bloco 4			
Constante	1.694	.300	
Idade	.009	.004	.229
Escolaridade	-.017	.016	-.108
Rendimento Mensal Bruto	-.059	.030	-.174
Género	-.256	.082	-.265
Bloco 5			
Constante	1.615	.404	

Idade	.009	.004	.230
Escolaridade	-.017	.016	-.110
Rendimento Mensal Bruto	-.058	.030	-.171
Género	-.255	.083	-.264
MCSDS	.005	.016	.024
R ²	.186		
ΔR ²	.001**		
F	5.705		
ΔF	.086		

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Na história 3, apenas o género se mostra um preditor estatisticamente significativo, dado que o seu valor de significância é inferior a $p=.05$ (tabela 10).

Tabela 10. Regressão hierárquica relativa à História 3

	B	SE B	Beta
Bloco 1			
Constante	.980	.083	
Idade	.009	.002	.316
Bloco 2			
Constante	1.397	.236	
Idade	.006	.003	.212
Escolaridade	-.023	.012	-.187
Bloco 3			
Constante	1.382	.238	
Idade	.007	.003	.232
Escolaridade	-.021	.013	-.170
Rendimento Mensal Bruto	-.014	.023	-.052
Bloco 4			
Constante	1.535	.234	
Idade	.006	.003	.210
Escolaridade	-.018	.013	-.140
Rendimento Mensal Bruto	-.034	.023	-.130
Género	-.211	.064	-.277
Bloco 5			
Constante	1.604	.316	
Idade	.006	.003	.208
Escolaridade	-.017	.013	-.138
Rendimento Mensal Bruto	-.035	.024	-.132
Género	-.212	.065	-.278
MCSDS	.004	.012	.027
R ²	.196		
ΔR ²	.001**		
F	6.081		
ΔF	.107		

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

V – Discussão

É possível visualizar que a História com o maior valor médio é a História 2 dado se referir à vida de uma mulher de 60 anos onde a figura do género feminino é a perpetradora da violência psicológica para com o homem. Esta elevada pontuação pode dever-se ao facto de o agressor ser uma mulher, visto na sociedade existir a crença social de que esta só é violenta com o intuito de se autodefender. Já a história com menor média é a História 1 visto que a violência, quer física quer psicológica, acontece no seio familiar de classe económica abastada, onde o agressor é do género masculino.

É interessante observar que existe uma menor legitimação da violência da História 1 relativamente à História 3, onde se encontra uma grávida vítima de violência entre parceiros íntimos em que o agressor se encontra alcoolizado. Constatamos que a sociedade tende a vulgarizar a violência quando há a coexistência de substâncias, acabando por o agressor ser desculpabilizado pelo ato cometido, tal como acontece na História 1. Contudo, a literatura postula que o álcool e as drogas podem estar correlacionados com o ato violento, contudo não é justo assegurar que o uso destas substâncias são a razão dos comportamentos violentos (Matos, 2003).

Os resultados sugerem que o género masculino legitima mais facilmente a violência relativamente ao género feminino, uma vez que a média das histórias é sempre superior para os homens. Este resultado poderá ter em conta as questões culturais no que diz respeito aos papéis de género nos relacionamentos conjugais, uma vez que as mulheres, maioritariamente, apresentam uma postura de submissão e, os homens um papel de liderança (Becker, 2022). No estudo de Machado (2016) os resultados encontrados corroboram os obtidos no nosso estudo uma vez que também nesse caso, se verificou que a média para o género masculino é mais elevada do que no género feminino. As mesmas conclusões foram ainda atingidas por Nóbrega (2015).

Além disso, tal como referido, verificou-se a não homogeneidade nas médias para a História 1, História 2 e História 3, evidenciando assim que há uma maior legitimação da violência por parte dos homens para com as mulheres. No estudo de Aguilar (2010), os resultados encontrados são distintos já que se encontram diferenças significativas entre médias apenas para a História 1. Para as Histórias 2 e 3 observou-se a igualdade nas médias.

Relativamente aos dados encontrados para a Escala da Avaliação de Crenças nos Papéis de Género, constatou-se a inexistência da igualdade das médias para ambos os géneros. O mesmo se verifica no estudo de Brito (2020) em que as médias quer para o género masculino

como para o género feminino demonstram-se significativamente distintas. Além disso, neste mesmo estudo, os homens apresentam níveis médios superiores ao das mulheres. Ora, estes sujeitos exibem médias de 2.256 e de 2.025, respetivamente.

No que diz respeito à Escala de Crenças da Violência Conjugal visualizamos que a igualdade de médias não está presente. O mesmo se verifica no estudo de Camelo (2009), Aguilar (2010) e Ventura (2013) em que está presente uma diferença significativa de médias para os diferentes géneros. Mais ainda, há uma maior média para os indivíduos do género masculino.

Contudo, concluiu-se que, na Escala de Desejabilidade Social existe, efetivamente igualdade nas médias relativamente ao género. Tal indica que, para ambos os géneros, existe propensão semelhante a dar respostas mais aceites socialmente. Verificou-se, para esta escala que a média indica uma forte desejabilidade social. Todavia, Silvestre (2011) demonstra que no grupo Escolas, ou seja, na comunidade, as raparigas apresentam uma média mais elevada que os rapazes.

No que concerne à influência das variáveis em estudo, observou-se a existência de correlação entre o género e as histórias. Assim sendo, pode dizer-se que o facto do indivíduo ser do género masculino ou feminino influenciará as respostas dadas aos questionários.

Tal se pode verificar pelo facto de na sociedade estar a crença enraizada de que o agressor é, maioritariamente, do género masculino e a vítima do género feminino e, mesmo quando acontece o inverso, a agressora é vista como indefesa, tentando apenas se proteger. Isto é corroborado, muitas das vezes, pelos *mass media*.

Adicionalmente, o número de anos de escolaridade dos sujeitos também se configura como um possível influenciador do QRVC-HIS. À medida que a escolaridade aumenta nota-se que existe uma diminuição da legitimação da violência entre parceiros íntimos. O mesmo se verifica no estudo de Vasconcelos (2021) que pretende estimar a prevalência da violência entre parceiros íntimos sofrida por sujeitos do género feminino e os diversos fatores a ela inerentes, uma vez que as mulheres com maior nível de escolaridade apresentam um maior acesso a recursos que lhes permitem quebrar o ciclo de violência.

Relativamente às variáveis idade, MCSDS e rendimento mensal bruto percebeu-se que estas não influenciam a resposta ao questionário relativo às histórias. O estudo de Silva (2015), chegou à mesma conclusão que o nosso estudo, onde não existem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à idade tendo em conta a legitimação/banalização da violência entre parceiros íntimos. Relativamente ao rendimento, os resultados encontrados corroboram

a literatura, visto que o fenómeno da legitimação da violência é transversal, abarcando todos os estatutos socioeconómicos (Alarcão, 2002).

No que diz respeito à desejabilidade social, o resultado encontrado demonstra que os indivíduos não se demonstram muito preocupados com os padrões existentes na sociedade, uma vez que não se encontraram correlações estatisticamente significativas. A não existência de correlação atesta os estudos de Lagoa (2021), onde se observou que a desejabilidade social pode ser utilizada no preenchimento de questionários de autorresposta de modo a reduzir ou até mesmo anular a legitimação da violência. Dado não existir muita literatura acerca desta relação, considero importante existir uma maior investigação sobre a mesma.

Quanto às regressões hierárquicas, pode-se observar que na História 1 e 2, o género e a escolaridade se demonstram como preditores estatisticamente significativos. Este resultado apoia o encontrado nas correlações demonstrando que ambas as variáveis podem ser utilizadas para prever a legitimação da violência.

Na História 3 apenas o género apresenta significância estatisticamente relevante podendo, igualmente, ser usado como preditor. De referir que, embora a escolaridade não se tenha configurado como preditor, a sua significância estatística ficou apenas ligeiramente acima do valor estabelecido. Contudo, não sendo preditor para esta História em específico, podemos pensar que o consumo de substâncias associada à violência é mais desculpabilizado independentemente do nível de escolaridade dos inquiridos.

Conclusão

A presente investigação teve como objetivo analisar se certas variáveis sociodemográficas contribuem para as representações sociais da violência entre parceiros íntimos e compreender se a deseabilidade social tem influência nas mesmas.

Assim, percebemos que o género masculino legitima mais a violência relativamente ao género feminino, uma vez que não se observou igualdade das médias para ambos os géneros. Constatase, por isso, que o género é uma variável influenciadora e preditora às respostas dadas ao questionário relativo às Histórias.

No que diz respeito às variáveis idade, escolaridade e rendimento mensal bruto visualizamos que apenas a escolaridade se demonstra como um preditor das respostas obtidas no QRVC-HIS. Contudo, esta variável não se assume como influenciadora na História 3 facto que poderá ser explicado pela introdução do consumo de substâncias por parte do agressor.

Quanto à deseabilidade social, esta não apresenta significância na resposta ao QRVC-HIS, o que poderá mostrar que os indivíduos desvalorizam as crenças incutidas na sociedade.

Esta investigação apresenta algumas limitações que interessa referir. Enquadramos nessa dimensão a grande discrepância do rácio feminino/masculino, uma vez que estão presentes apenas 48 respondentes do género masculino para 83 do género feminino. Assim sendo, creio que seria importante recolher uma amostra mais equitativa para que os resultados sejam mais fidedignos.

Como recomendações para uma investigação futura, sugere-se que o protocolo seja aplicado a outras populações como, por exemplo, os parceiros homossexuais, bissexuais e transgéneros. Além disso, propõem-se a realização de mais estudos subordinados ao tema da deseabilidade social, uma vez que ainda existe pouca literatura acerca desta temática.

Por fim, aconselha-se o estudo da variável uso/abuso de substâncias, uma vez que esta pode constituir um fator de desvalorização da violência entre parceiros íntimos.

Referências Bibliográficas

Aguilar, R. (2010). *Representações sociais em torno da violência conjugal: estudo de validação do questionário de violência conjugal: histórias (QRVC-HIS) e do questionário de violência conjugal: causas, manutenção e resolução (QVC- CMR) com uma amostra da população geral* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Akinyugha, O. et al. (2022). Perceptions of women towards screening for intimate partner violence. *African Journal of Primary Health Care & Family Medicine*, 14(1), 1-8. <https://doi.org/10.4102/phcfm.v14i1.352>

Alarcão, M. (2002). (des)Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica. Coimbra: Quarteto Editora.

Aldrighi, T. (2004). Prevalência e Cronicidade da Violência Física no Namoro entre Jovens Universitários do Estado de São Paulo - Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6, 105-120.

APAV. (2021). Estatísticas APAV 2021: Violência Doméstica. Lisboa: APAV.

Autiero, M. et al. (2020). Combatting Intimate Partner Violence: Representations of Social and Healthcare Personnel Working with Gender-Based Violence Interventions. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(15), 5543. <https://doi.org/10.3390/ijerph17155543>

Bandura, A. (1986). Social Foundations of Thought and Action. *Engelwood Cliffs*, NJ: Prentice-Hall.

Becker, S. et al. (2021). Violência conjugal: diferentes olhares epistemológicos e práticas psicoterapêuticas. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 16(3), 1-13.

Brannon, L. (2005). *Gender: Psychological Perspectives*. Boston: Psychology Press.

Brito, R., (2020). Papéis De Género, Satisfação Conjugal e Intimidade Das Relações Homossexuais e Heterossexuais (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal

Camelo, A. (2009). Representações Sociais sobre a Violência Conjugal. Estudo exploratório com uma amostra de profissionais da CPCJ (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Crowne, P., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24(4), 349-354

Da Silva, G., & Lopes, G. (2021). Representações e Vivências da Violência na Perspectiva de Usuárias de um Centro de Referência no Atendimento à Mulher. (Portuguese). *Revista Artemis*, 31(1), 467–485

Diniz, C. (2021). Masculinidades e violência entre parceiros íntimos: um enfoque relacional. *Psicologia Argumento*, 39(103), 123–134. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.39.103.AO06>

Dumont, N. et al. (2022). Examining men as victims of intimate partner violence in a French forensic department. *Forensic Science International*. <https://doi.org/10.1016/j.forsciint.2022.111368>

Dutton, D. (1999). Limitations of social learning models in explaining intimate aggression. In: Arriaga, X.B. & OsKamps, S.(Eds). *Violence in intimate relationships*. Califórnia, Sage Publications, 73-87.

Duveen, G., & Lloyd, B. (1990). *Social Representations and the Development of Knowledge*. Nova Iorque: Cambridge University Press.

Foshee, A., Bauman, E., & Linder, F. (1999). Family Violence and the Perpetration of Adolescent Dating Violence: Examining Social Learning and Social Control Processes. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 331-342.

Giannini, A., & Coelho, H. (2020). Evidências sobre violências e alternativas para mulheres e meninas no Brasil, na Colômbia e no México: tendências, desafios e caminhos para o futuro. *Rio de Janeiro: Instituto Igarapé*.

- Gomes, P., Diniz, F., Araújo, S. & Coelho, F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias género e geração. In: *Acta Paulista de Enfermagem*, 20 (4), 504-508.
- Gracia, E., & Merlo, J. (2016). Intimate partner violence against women and the Nordic paradox. *Social Science & Medicine*, 157, 27-30.
- Hamberger, K. (2005). Men's and Women's Use of Intimate Partner Violence in Clinical Samples: Toward a Gender-Sensitive Analysis. *Violence and Victims*, 20, 131-151.
- Hines, A., & Saudino, J. (2002). Intergenerational Transmission of Intimate Partner Violence: A Behavioral Genetic Perspective. *Trauma, Violence, & Abuse*, 3, 210-225.
- Höijer, B. (2012). Social Representations Theory: A New Theory for Media Research. *Nordicom Review*, 32, 3-16.
- Hotaling, G., & Sugarman, D. (1986). An analysis of risk markers in husband to wife violence: the current state of Knowledge. *Violence and Victims*, 1 (2), 101-124.
- Johnson, P. (1995). Patriarchal terrorism and common couple violence: Two forms of violence against women. *Journal of Marriage & the Family*, 57(2), 283–294.
- Kaufman, J. & Zigler, E. (1993). The intergerational transmission of abuse is overstated. In Gelles, J. & Loseke, R. (Eds). *Current Controversies on Family Violence*. Newbury Park CA, Sage, 209- 221.
- Lagoa, A. (2021). Agressores e Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade: Crenças e Violência. (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto Universitário Egas Moniz, Lisboa
- Machado, C. (2005). Violência nas famílias portuguesas. Um estudo representativo na região norte. *Psychologica*, 39, 173-194.
- Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. (2008). Escala de crenças sobre a violência conjugal (ECVC). In L. S. Almeida, M. R. Simões, C. Machado, & M. M. Gonçalves (Coords.). *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa – Volume II*. Quarteto Editora.

Machado, R. (2016). Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos e Atitudes Perante os Papéis de Género numa amostra de Estudantes do Ensino Superior (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Manita, C. & Carlos, P. (2009a). Violência doméstica: compreender para intervir: guia de boas práticas para profissionais de saúde.

Matos, M. (2002). Violência conjugal. In Carla Machado & R. Abrunhosa Gonçalves (Coords.). Violência e vítimas de crimes. Vol 1: Adultos. Coimbra: Quarteto.

Matos, M. (2006). Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho. Braga.

Matos, M. & Machado, A (2012). Violência Doméstica: Intervenção em grupo com mulheres vítimas. Manual para profissionais. Lisboa: CIG

McCloskey, K. (2007). Intimate Partner Violence. In B. L. Cutler, *Encyclopedia of Psychology and Law* Canadá: Thousand Oaks.

McPhail, A. et al. (2007). An Integrative Feminist Model: The Evolving Feminist Perspective on Intimate Partner Violence. *Violence Against Women*, 13(8), 817–841. <https://doi.org/10.1177/1077801207302039>

Mocovici, S. (1972). La société contre nature. Paris: *Union Générale d'Édition*.

Neves, S., & Nogueira, C. (2004). Terapias feministas, intervenção psicológica e violências na intimidade: uma leitura feminista crítica. *Psychologica*, 36, 15-32.

Nóbrega, A. (2015). Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos numa Amostra de Estudantes de Enfermagem (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Oliveira, M. & Sani, A. (2009). A Intergeracionalidade da Violência nas Relações de Namoro, Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 162-170.

Oliveira, C. & Gomes, R. (2011). Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(5), 2401-2413.

Pomar, C. et al. (2012). Guião de Educação Género e Cidadania. 2º ciclo do ensino básico. *Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género*. Lisboa

Rollero, C. (2020). The Social Dimensions of Intimate Partner Violence: A Qualitative Study with Male Perprtrators. *Sexuality & Culture*, 24, 749-763. <https://doi.org/10.1007/s12119-019-09661-z>

Santos, C. et al. (2016). Género, Feminismo e Psicologia Social no Brasil: Análise da Revista *Psicologia & Sociedade* (1996- 2010). *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 589-603.

Scagliusi, B. et al. (2004). Tradução da escala de desejo de aceitação social de Marlowe e Crowne para a língua portuguesa. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 31(6), 272-278.

Silva, S. (2015). Representações sociais da Violência entre Parceiros Íntimos numa amostra de enfermeiros e assistentes sociais. Estudo Exploratório. (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Silvestre, A. (2011). Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS): Estudo de validação numa amostra de adolescentes delinquentes institucionalizados em Centros Educativos. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.

Spence, T. (1993), “Women, men, and society: Plus ça change, plus c’est la même chose”, in Stuart Oskamp e Mark Constanzo (Eds.), *Gender Issues in Contemporary Society*, Newbury Park, Sage, 3-17.

Straus, A. (2004). Cross Cultural Reliability and Validity of the Revised Conflict Tactics Scales: A Study of University Dating Couples in 17 Nations. *Cross-Cultural Research*, 38, 407-432.

Straus, A. (2009). Why the overwhelming evidence on partner physical violence by women has not been perceived and is often denied. *Journal of Aggression, Maltreatment, & Trauma*, 18(6), 552–571.

Stith, M., Mccollum, E., & Rosen, H. (2012). *Couples Therapy for Domestic Violence: Finding Safe Solutions*. Washington, DC: American Psychological Association.

Tassinari, T. et al. (2022). Violência de gênero em mulheres estudantes universitárias: evidências sobre a prevalência e sobre os fatores associados. (Portuguese). *Acta Colombiana de Psicologia*, 25(1), 105–120. <https://doi.org/10.14718/ACP.2022.25.1.8>

Vala, J. (2004). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In J. Vala, & M., B. Monteiro, (Coords.), *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vasconcelos, M. et al. (2021). Prevalence and factors associated with intimate partner violence against women in Brazil: National Survey of Health, 2019. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. <https://doi.org/10.1590/1980-549720210020.supl.2>

Ventura, M. et al. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, 1(11), 95-103. <https://doi.org/10.12707/RIII12120>

Wagner, W. (2012). Social representation theory. In D. J. Christie (Ed.), *Encyclopedia of Peace Psychology*. Malden, MA: Wiley-Blackwell.

Walker, L. (1991). Post-traumatic stress disorder in women: diagnosis and treatment of battered woman syndrome. *Psychotherapy*, 28 (1), 21 – 29.

Wood, W., & Eagly, H. (2012). Biosocial Construction of Sex Differences and Similarities in Behavior. *Advances in Experimental Social Psychology*, 46, 55-123.

Xavier, M. (2008). Arendt, Jung e Humanismo: um olhar interdisciplinar sobre a violência. *Saúde Social*. 17(3), 19-32.

Yllo, A. (1993). Through a feminist lens. Gender, power, and violence. In R. J. Gelles e D. R. Loseke (Eds.). *Current Controversies on Family Violence* (47-62). Newbury Park: Sage Publication.

Anexos

Anexo 1: Investigação facultada aos participantes

Título: O género nas representações sociais da violência entre íntimos

A violência entre íntimos constitui um grande problema de saúde pública em todas as culturas e grupos sociais. Assim, pretende-se saber a importância dos dados sociodemográficos nas representações sociais da violência entre íntimos.

A investigação a seguir apresentada tem como objetivo estudar as representações sociais na violência entre íntimos. Este estudo integra-se no Mestrado em Psicologia Clínica, Sistémica e da Saúde na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, no âmbito da Dissertação de Mestrado. A sua participação é muito importante e consistirá no preenchimento de escalas e questionários de autorresposta, com uma duração aproximada de **20 minutos**. A participação é voluntária aberta a todos os maiores de 18 anos, podendo desistir a qualquer momento, sem quaisquer consequências. Os dados são confidenciais e apenas utilizados no âmbito desta investigação. Não existem questões que impliquem identificação dos respondentes.

Se concordar em participar é importante que responda com a maior honestidade possível, não deixando nenhuma questão por responder.

Caso tenha alguma dúvida ou pretenda ter alguns esclarecimentos adicionais em relação a esta investigação, pode contactar a investigadora através do e-mail ines.esmeriz@gmail.com.

Inquérito Sociodemográfico

(1) Idade _____ (2) Género Masculino Feminino Outra opção

(3) Nacionalidade _____

(4) Zona de habitação (aldeia, vila, cidade) _____

(5) Distrito _____

(6) Reside com quem (assinale as alíneas corretas)?

Pai

Mãe

Irmão(ã)

Avô

Avó

outro _____

(7) Estado Civil do Respondente

Solteiro(a)

Casado(a)

Divorciado(a)

União de Facto

Viúvo

(8) Estado civil dos seus Pais

Solteiro(a)

Casado(a)

Divorciado(a)

União de Facto

Viúvo

(9) Quais as referências culturais mais importantes para si ? Europeia Africana Asiática

Americana Outra _____

(10) Quantos anos frequentou a escola (ex: se frequentou até ao 9 ano e repetiu 2 anos frequentou 11 anos) ? _____

(11) Número de anos de escolaridade concluídos com aproveitamento (ex: se completou o 12^a ano, deve responder 12; se completou o 2^o ano do Ensino Superior, deve responder 14).

(12) Qual é a sua situação profissional?

- Estudante
- Empregado(a)
- Desempregado(a)
- Reformado(a)
- Outra opção _____

(13) Quantos anos o seu pai frequentou a escola (ex: se frequentou até ao 9 ano e repetiu 2 anos frequentou 11 anos) ? _____

(14) Número de anos de escolaridade do seu pai concluídos com aproveitamento (ex: se completou o 12^a ano, deve responder 12; se completou o 2^o ano do Ensino Superior, deve responder 14). _____

(15) Quantos anos a sua mãe frequentou a escola (ex: se frequentou até ao 9 ano e repetiu 2 anos frequentou 11 anos) ? _____

(16) Número de anos de escolaridade da sua mãe concluídos com aproveitamento (ex: se completou o 12^a ano, deve responder 12; se completou o 2^o ano do Ensino Superior, deve responder 14). _____

(17) Assinale o seu rendimento económico mensal bruto- assinale a sua alternativa mais próxima:

- >700€
- 700€-1000€
- 1000€-1300€
- 1300€-1600€
- 1600€-1900€
- <1900€-(...)

Questionário relativo à violência entre íntimos

(1) Já experienciou na 1ª pessoa a problemática da violência entre íntimos?

Sim

Não

(2) Se respondeu sim, na questão anterior de que natureza foi o tipo de violência?

Violência física (ex: esmurrar, pontapear, estrangular...)

Violência psicológica (ex: ameaças, chantagem, isolamento...)

Violência sexual (ex: pressionar ou forçar o companheiro(a) a ter relações sexuais quanto este(a) não quer ...)

Violência económica (ex: controlar o ordenado do outro(a), forçar a justificar qualquer gasto ...)

Violência social (ex: impedir que visita os familiares, controlar as chamadas telefónicas, trancar o outro(a) em casa...)

(3) Já vivenciou (observou familiares ou amigos), a violência entre íntimos?

Sim

Não

(4) Se respondeu sim, na questão anterior de que natureza foi o tipo de violência?

Violência física (ex: esmurrar, pontapear, estrangular...)

Violência psicológica (ex: ameaças, chantagem, isolamento...)

Violência sexual (ex: pressionar ou forçar o companheiro(a) a ter relações sexuais quanto este(a) não quer ...)

Violência económica (ex: controlar o ordenado do outro(a), forçar a justificar qualquer gasto ...)

Violência social (ex: impedir que visita os familiares, controlar as chamadas telefônicas, trancar o outro(a) em casa...)

(5) Com quem ocorreu essa violência?

(6) Há quanto tempo aconteceu essa situação?

Questionário de Violência Conjugal- Histórias (QRVC-HIS) (Alarcão, M & Alberto, I., Correia, A., Camelo, A., 2007)

Este questionário integra 3 histórias de 3 casais diferentes. Em cada uma dessas histórias vai encontrar 10 afirmações; pedimos-lhe que indique o seu grau de concordância, usando a seguinte escala: 1 "discordo completamente", 2 "discordo", 3 "concordo", 4 "concordo completamente".

História 1

Arménio é um engenheiro chefe de 40 anos, casado com Manuela, enfermeira de 38 anos; tem dois filhos, o Marcos, com 15 anos, e a Sara, que tem 13 anos. A Manuela confidenciou a uma colega de trabalho que as coisas não andam bem na sua vida de casada. O Arménio é uma pessoa completamente diferente dentro e fora de casa. No trabalho, com os amigos e vizinhos, é muito simpático, sempre disponível; mas com ela é bastante rude; chama-lhe "ignorante" (achando que tudo o que ela diz está errado e que "dela só sai asneira) ou deixa-a a falar sozinha e vai-se embora, dizendo-lhe que tem vergonha dela porque nem gosto tem para se vestir. Por vezes, quando a Manuela se atrasa no serviço, o Arménio chega a dar-lhe umas bofetadas porque o jantar não está feito a horas e ele, assim, não consegue chegar pontualmente às reuniões de trabalho.

A Manuela diz que os filhos não se apercebem de nada porque estes desentendimentos nunca acontecem à frente deles e ela faz por se mostrar alegre quando eles estão por perto.

1. Com os estudos que tem, o Arménio é incapaz de maltratar realmente a sua mulher

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

2. A Manuela queixa-se que o marido a chama de ignorante e goza com a forma como se veste mas ele só pretende que ela se comporte como boa esposa e mãe de família.
Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo
3. Se o Arménio trata mal a Manuela, é porque ela lhe dá razões para que isso aconteça.
Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo
4. Se o Arménio é uma pessoa simpática e disponível para com os outros fora de casa, será incapaz de ser violento na sua própria casa.
Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo
5. A Manuela deve guardar para si as suas dificuldades que tem com o marido para o bem da família e, particularmente, dos filhos.
Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo
6. Se o Arménio anda mais nervoso por causa do trabalho, é provável que descarregue a sua tensão sobre a Manuela.
Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo
7. O Arménio tem alguma razão em ficar zangado e em agredir a Manuela porque ela o impede de chegar a horas às reuniões.
Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo
8. A Manuela e o Arménio são adultos responsáveis e devem resolver os problemas da violência “entre pares” sem trazer a público estas questões privadas.
Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo
9. Uma bofetada dada num momento de zanga/tensão não é propriamente violência conjugal.
Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo
10. É compreensível que o Arménio se passe, porque gerir o trabalho, os filhos e uma mulher que se atrasa é difícil.
Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

História 2

A Luísa é uma mulher de 60 anos mas ainda tem muitos afazeres: trabalha na agricultura, faz umas horas por semana na limpeza de casas e , à noite, ainda tem uns trabalhos de costura. Tudo isto a cansa muito e a torna muito irritável. O António tem a mesma idade e é carpinteiro: quando chega a casa o que mais quer é poder descansar de um trabalho de que gosta mas que já começa a ser pesado. Ele já conhece a mulher que tem e tenta passar despercebido; senão "sobra" para ele. A Luísa, quando fala para ele é sempre a ralhar, dizendo que "quem usa calças lá em casa é ela", que ele "é um inútil", e, por vezes, o António tem de se baixar para não "apanhar com objetos voadores" que a mulher atira quando está mais exasperada. O António diz isto a sorrir, como que a desvalorizar a situação, mas vai adiantando que, por vezes, não é rápido que chegue pelo que já teve de ir receber tratamento médico. Desculpa a mulher, dizendo que a vida dela nunca foi fácil pois desde pequena foi sempre sacrificada. Acha que, apesar de tudo, ela é uma boa mulher, pois é trabalhadora e a casa está "sempre um brinco". Claro que gostaria de ter mimo em vez de "ralhetes e pancadaria", mas conclui "que não se pode ter tudo" e "nesta idade, já não há que esperar muito da vida". Por outro lado, o António refere que a Luísa só se torna "uma fera" quando está cansada com tanto trabalho: a "culpa é deste trabalho todo que é preciso fazer para se ter alguma coisa".

1. É um exagero considerar estas pequenas “batalhas” entre a Luísa e o António como um problema de violência conjugal.
Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo
2. O António faz bem em desvalorizar a violência da Luísa para não perturbar a paz familiar.
Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo
3. É pouco provável que a Luísa, idosa e cansada, consiga maltratar realmente o António. São rabugices próprias da idade.
Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo
4. O comportamento da Luísa é compreensível pois, como diz o próprio marido, ela teve sempre uma vida muito difícil.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

5. Como pessoa do campo e com pouca escolaridade, é bem provável que a Luísa resolva as coisas pela força e não pela conversa.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

6. A Luísa tem razão em zangar-se com o marido, pois trabalha bastante e ele não a ajuda nada; antes pelo contrário, dá-lhe mais trabalho.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

7. O António faz bem em aguentar esta situação e em desculpar a mulher pois nesta idade é melhor fazer tudo para se manterem juntos, como casal.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

8. Provavelmente a Luísa é mais agressiva com o António por causa de estar tão cansada com todo o trabalho que tem.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

9. Estas zangas da Luísa com o António são usuais nesta idade; até podem provocar alguns acidentes, mas não pode dizer-se que seja uma violência séria

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

10. O António é capaz de merecer alguns ralhos da mulher porque parece levar uma vida descansadinha.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

História 3

A Deolinda tem 30 anos, é doméstica e está casada há apenas 3 anos, com o Esteves, mas não tem sido fácil manter este casamento. O Esteves tem sensivelmente a mesma idade, trabalha na construção civil e gosta de beber uns copos com os amigos, depois do trabalho, e quando chega a casa, com um bocadinho a mais de vinho, fica difícil para a Deolinda. Começa por implicar com o jantar: "se é peixe, apetecia-lhe carne, se é carne, queria peixe"! Culpa a Deolinda de fazer de propósito para o irritar, fazendo sempre o contrário do que ele pede. Quando fica

mesmo descontrolado chega a bater na mulher, que se encontra grávida de 4 meses. Ela tem umas nódoas negras, "mas nunca foi preciso ir ao médico por causa das agressões". A Deolinda continua a achar que o Esteves é uma boa pessoa, preocupado com ela e o outro filho (que tem 2 anos). É o vinho que o torna violento; "quando lhe passa a bebedeira, vem pedir desculpa, a chorar, e eu sei que é do fundo do coração".

1. A Deolinda deve tentar manter este casamento, até porque tem um filho pequeno e vai ter outro, que precisam do pai.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

2. O problema é a bebida; o Esteves só se torna agressivo por causa do vinho

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

3. A Deolinda devia esforçar-se por saber que o Esteves quer para o jantar, para evitar que o marido se chateie.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

4. Se a Deolinda nunca precisou de receber cuidados médicos, é porque o marido não o é assim tão violento como ela diz.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

5. Não admira que o Esteves bata na mulher porque é um operário com pouca instrução e sensibilidade para a questão da violência.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

6. O Esteves anda muito preocupado, agora que vem aí outro filho, e isso faz com que fique mais irritado e se descontrola de vez em quando

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

7. É pouco provável que o Esteves bata na Deolinda enquanto ela está grávida do seu próprio filho.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

8. A Deolinda não devia andar a “publicitar” estas discussões que tem com o marido pois isso só diz respeito ao casal.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

9. Se a Deolinda faz sempre o contrário do que o Esteves pede, é porque gosta de o provocar e de se sujeitar a ser agredida.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

10. A Deolinda deve estar a exagerar um bocadinho nas suas histórias sobre as desavenças que tem com o Esteves e a fazer-se de vítima.

Discordo Completamente Discordo Concordo Completamente Concordo

Escala de Avaliação da Crença nos Papéis de Género (Brown & Gladstone, 2012)

Este questionário integra 10 afirmações; pedimos-lhe que indique o seu grau de concordância, usando a seguinte escala: 1 "discordo totalmente", 2 "discordo", 3 "discordo mais ou menos", 4 "nem discordo nem concordo", 5 “ concordo”, 6 “concordo” e 7 “concordo totalmente”.

1. O marido deve ser tido como representante legal da família em todas as questões legais.

Discordo Totalmente Discordo Discordo mais ou menos Nem discordo nem concordo Concordo mais ou menos Concordo Concordo Totalmente

2. As mulheres devem preocupar-se com os seus deveres relacionados com os filhos e a casa em vez de com os seus deveres numa carreira profissional ou de negócios.

Discordo Totalmente Discordo Discordo mais ou menos Nem discordo nem concordo Concordo mais ou menos Concordo Concordo Totalmente

3. É ridículo uma mulher conduzir um comboio ou um homem costurar.

Discordo Totalmente Discordo Discordo mais ou menos Nem discordo nem concordo Concordo mais ou menos Concordo Concordo Totalmente

4. As mulheres deviam ter tanta liberdade sexual como os homens.

Discordo Totalmente Discordo Discordo mais ou menos Nem discordo nem concordo Concordo mais ou menos Concordo Concordo Totalmente

5. Mulheres que têm filhos não devem trabalhar fora de casa se não tiverem de o fazer por razões monetárias.

Discordo Totalmente Discordo Discordo mais ou menos Nem discordo nem concordo Concordo mais ou menos Concordo Concordo Totalmente

6. É falta de respeito dizer uma asneira à frente de uma senhora.

Discordo Totalmente Discordo Discordo mais ou menos Nem discordo nem concordo Concordo mais ou menos Concordo Concordo Totalmente

7. É mais repulsivo uma mulher dizer asneiras ou obscenidades do que um homem.

Discordo Totalmente Discordo Discordo mais ou menos Nem discordo nem concordo Concordo mais ou menos Concordo Concordo Totalmente

8. Exceto talvez em circunstâncias muito especiais, um homem nunca deve permitir que seja a mulher a pagar o táxi, a comprar bilhetes ou pagar a conta

Discordo Totalmente Discordo Discordo mais ou menos Nem discordo nem concordo Concordo mais ou menos Concordo Concordo Totalmente

9. A iniciativa para o namoro deve vir geralmente do homem.

Discordo Totalmente Discordo Discordo mais ou menos Nem discordo nem concordo Concordo mais ou menos Concordo Concordo Totalmente

10. Os homens devem continuar a ter atitudes cavalheirescas para as mulheres como segurar a porta aberta ou ajudando-as com os seus casacos.

Discordo Totalmente Discordo Discordo mais ou menos Nem discordo nem concordo Concordo mais ou menos Concordo Concordo Totalmente

Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (Matos, Machado, & Gonçalves)

Este questionário integra 25 afirmações; pedimos-lhe que indique o seu grau de concordância, usando a seguinte escala: 1 "discordo totalmente", 2 "discordo", 3 "não concordo nem discordo", 4 "concordo" e 5 "concordo totalmente".

1. O problema dos maus tratos dentro do casamento afeta uma pequena percentagem da população.
Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo
Concordo Totalmente
2. Os maus tratos ocorrem apenas em famílias de baixo nível educacional e económico.
Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente
3. Os maus tratos só ocorrem quando há outros problemas (p.ex, desemprego, consumo de drogas, problemas de dinheiro).
Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente
4. O mais importante para as crianças é que a família permaneça unida, mesmo quando há violência no casal.
Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente
5. É a ideia de que as mulheres querem ter tantos direitos como os homens que causa problemas entre o casal.
Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente
6. A causa da violência é o abuso de álcool.
Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente
7. A preocupação com a situação das mulheres que são maltratadas no casamento só serve para separar as famílias.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

8. Os homens batem nas mulheres apenas quando “estão de cabeça perdida”, por algum problema nas suas vidas.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

9. Se as mulheres se portarem como boas esposas não serão maltratadas.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

10. Os homens passam a agredir as mulheres porque se envolvem em relações extra-conjugais.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

11. Uma parceira infiel merece ser maltratada.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

12. Se a minha parceira me insulta, tenho razões para a agredir.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

13. Algumas mulheres merecem que lhes batm.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

14. Um homem tem o direito de castigar a mulher se ela faltar ao cumprimento dos seus deveres conjugais.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

15. Em casos de violência conjugal, a polícia deve apenas tentar acalmar os ânimos e reconciliar o casal.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

16. Dar uma bofetada à parceira quando se está aborrecido ou irritado é normal; é uma coisa sem gravidade.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

17. A violência conjugal é um assunto privado. Deve ser resolvido em casa.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

18. Os insultos são normais entre um casal.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

19. Uma mulher deve retirar a queixa de maus tratos contra o marido sempre que este lhe peça desculpa pelo que fez.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

20. Se as pessoas permanecem numa relação violenta, é porque merecem a situação em que vivem.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

21. Entre marido e mulher ninguém deve “meter a colher”.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

22. Algumas mulheres fazem os homens “perder a cabeça” e, por isso, é natural que lhe batam.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

23. Uma bofetada não magoa ninguém.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

24. Maridos e mulheres sempre se bateram. É natural e não tem nada de mal.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

25. É mais aceitável um homem bater numa mulher do que ao contrário.

Discordo Totalmente Discordo Não concordo nem discordo Concordo Concordo Totalmente

Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne

Leia cada afirmação atentamente e decida se ela o descreve a si ou não. Se concordar com uma afirmação ou achar que ela o descreve, escreva “V” (“Verdadeiro”). Se discordar da afirmação ou achar que ela não o descreve, escreva “F” (“Falso”).

1. Antes de votar ou examino detalhadamente o currículo de todos os candidatos.
2. Eu não tenho dúvidas em fazer qualquer coisa para ajudar alguém em dificuldades.
3. Algumas vezes é difícil eu continuar com o meu trabalho se eu não sou encorajado.
4. Eu nunca tive uma forte antipatia por ninguém.
5. Em algumas ocasiões eu tive dúvidas sobre a minha capacidade para vencer na vida.
6. Às vezes eu fico ressentido quando não consigo fazer o que quero.
7. Eu sou sempre cuidadoso com a minha maneira de vestir.
8. Os meus modos na mesa são tão bons em casa quanto na rua, quando eu como fora, num restaurante por exemplo.
9. Se eu tivesse certeza que ninguém iria ver, eu provavelmente entraria num cinema sem pagar a entrada.
10. Algumas vezes eu desisti de fazer coisas porque achei que não era capaz
11. De vez em quando eu gosto de fofocar.

12. Em algumas ocasiões eu senti vontade de me revoltar contra chefes ou pessoas no comando, sabendo que elas estavam certas.
13. Eu sou sempre um bom ouvinte, não importa com quem eu esteja a conversar.
14. Eu lembro-me de ter fingido estar doente para escapar a alguma coisa.
15. Houve ocasiões em que me aproveitei de alguém
16. Eu estou sempre disposto a admitir, quando eu cometo um erro.
17. Eu tento sempre agir da mesma maneira como digo aos outros para fazer
18. Eu não acho tão difícil lidar com pessoas desbocadas e desagradáveis.
19. Às vezes, em vez de perdoar e esquecer, eu procuro vingar-me.
20. Quando eu não sei alguma coisa eu não me importo de admitir.
21. Eu sou sempre educado, mesmo com pessoas desagradáveis.
22. Às vezes eu realmente insisto para fazer as coisas do meu jeito.
23. Em algumas ocasiões senti vontade de quebrar as coisas.
24. Eu nunca deixaria que outra pessoa fosse castigada pelos meus erros.
25. Eu nunca fico chateado quando me pedem para retribuir um favor.
26. Eu nunca fico irritado quando pessoas expressam ideias muito diferentes das minhas.
27. Eu nunca saio de casa para um passeio longo sem verificar se o gás está desligado.
28. Em certas ocasiões eu senti bastante inveja da boa sorte dos outros.
29. Eu quase nunca tenho vontade de dar uma resposta malcriada a alguém.
30. Às vezes eu fico irritado com pessoas que me pedem favores.
31. Eu nunca achei que fui castigado sem uma razão.
32. Às vezes eu penso que quando acontece uma coisa má com as pessoas é porque elas mereceram.
33. Eu nunca falei de propósito alguma coisa que tenha magoado alguém.

Anexo 2. Testes de Normalidade

Testes de Normalidade

	Género	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Estatística	gl	Sig.	Estatística	gl	Sig.
História 1	Masculino	,197	48	<,001	,790	48	<,001
	Feminino	,271	83	<,001	,633	83	<,001
História 2	Masculino	,120	48	,082	,930	d48	,007
	Feminino	,226	83	<,001	,746	Szs c	<,001
História 3	Masculino	,188	48	<,001	,856	48	<,001
	Feminino	,303	83	<,001	,677	83	<,001
EACPG	Masculino	,065	48	,200*	,983	48	,720
	Feminino	,139	83	<,001	,932	83	<,001
ECVC	Masculino	,140	48	,019	,803	48	<,001
	Feminino	,234	83	<,001	,714	83	<,001
EDS	Masculino	,133	48	,034	,967	48	,196
	Feminino	,112	83	,012	,976	83	,127

*. Este é um limite inferior da significância verdadeira.

a. Correlação de Significância de Lilliefors